

Biblioteca e comunidade escolar: propostas democráticas e coletivas para as escolas de Rio Verde, GO

Library and school community: democratic and collective proposals for schools in Rio Verde, GO

Biblioteca y comunidad escolar: propuestas democráticas y colectivas para las escuelas de Rio Verde, GO

Leonardo Montes Lopes*
Renata Junqueira de Souza**

Resumo: Este artigo é parte do resultado de pesquisa (quanti-qualitativa) de doutorado em três bibliotecas escolares de Rio Verde e tem como objetivo levantar apontamentos possíveis e compatíveis com a realidade de Rio Verde, almejando dinamizar e propor um programa de biblioteca escolar ativo na rede municipal de ensino. O mesmo tem, como embasamento teórico, autores como: Abreu (2000), Bakhtin (1999), Campello (2012), Silva (1997), Zilberman (2001), dentre outros. O texto aponta que as bibliotecas escolares de Rio Verde necessitam de investimentos na qualificação dos professores que atuam nesses espaços. Também apresenta a importância do envolvimento da comunidade e do poder público no sentido de ampliar e fortalecer esses ambientes por meio de projetos e políticas eficazes que objetivem o acesso à leitura e à informação; além de atividades voltadas para a formação de leitores por meio de mediadores qualificados, estratégias de mediação, e a importância da coletividade entre as bibliotecas em busca da consolidação da formação leitora. O texto também aponta para a necessidade de investimentos na infraestrutura das bibliotecas escolares, além da aquisição de livros e equipamentos que viabilizem o funcionamento desses espaços com mais qualidade, com vistas na formação leitora dos frequentadores das bibliotecas, tudo em prol da coletividade e da apropriação das práticas de leitura, o que consolida e fortalece o ambiente da biblioteca escolar na formação de leitores críticos e reflexivos.

Palavras-chave: Biblioteca escolar. Leitura. Propostas.

Abstract: This article is part of the result of a (quanti-qualitative) doctoral research in three school libraries in Rio Verde and aims to raise possible notes compatible with the reality of Rio Verde, aiming to boost and propose an active school library program on the network municipal education system. The same has as theoretical basis, authors such as: Abreu (2000), Bakhtin (1999), Campello (2012), Silva (1997), Zilberman (2001), among others. The text points out that school libraries in Rio Verde need investments in the qualification of teachers who work in these spaces. It also presents the importance of involving the community and the public authorities in order to expand and strengthen

*Professor da Faculdade de Pedagogia da Universidade de Rio Verde e diretor escolar da Secretaria Municipal de Educação de Rio Verde - GO. E-mail: leonardomontes09@hotmail.com; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8212953986595161>.

** Professora da faculdade de Pedagogia – UNESP – Presidente Prudente e coordenadora do CELLIJ. E-mail: recellij@gmail.com; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9778200016779533>.

these environments through effective projects and policies that aim at access to reading and information; in addition to activities aimed at training readers through qualified mediators, mediation strategies, and the importance of collectivity among libraries in search of consolidating reader training. The text also points to the need for investments in the infrastructure of school libraries, in addition to the acquisition of books and equipment that enable the functioning of these spaces with more quality, with a view to the training of readers of libraries, all for the benefit of the community and appropriation reading practices, which consolidates and strengthens the school library environment, in the formation of critical and reflective readers.

Keywords: School library. Reading. Proposals.

1. Introdução

O presente artigo é resultado de pesquisa de doutorado realizada nas bibliotecas escolares (BEs) de Rio Verde-GO, a 220 km de Goiânia, capital do estado de Goiás. A população de Rio Verde é formada por habitantes de várias procedências, migrantes de diversas regiões do país, que se juntaram às famílias pioneiras da região, atraídas pelo desempenho da atividade agroindustrial do município, em que a agricultura, a pecuária e as agroindústrias são os pilares da economia local. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2019), a população do município é de 244 mil habitantes, sendo que 91% residem na zona urbana e 9% na zona rural.

Em relação ao sistema educacional, a cidade de Rio Verde está constituída enquanto polo da educação pelas três esferas públicas: federal, estadual e municipal, tendo, conforme dados da Secretaria Municipal de Educação, 4.100 alunos na esfera federal (cursos técnicos e superiores), 18.112 na estadual (6º ao 9º e ensino médio) e 24.644 na esfera municipal (ed. infantil e 1º ao 9º ano). A rede privada de ensino está composta por aproximadamente 10.000 alunos. Ainda no campo educacional, a cidade conta com quatro instituições de ensino superior, que oferecem mais de quarenta cursos, que atendem universitários de Rio Verde e mais 18 cidades vizinhas.

Por meio desta contextualização, fica evidenciada a importância da cidade de Rio Verde, e a pertinência em se realizar um estudo sobre as BEs da rede municipal de ensino, devido ao relevante papel que esses espaços de leitura assumem frente ao número significativo de estudantes e comunidade em geral.

Sabe-se que o principal objetivo da escola é proporcionar aos alunos o acesso ao conhecimento, a uma educação de qualidade e integrar os estudantes à sua realidade, transmitindo-lhes as informações necessárias para a assimilação de novas teorias e

construção do próprio conhecimento. Nesse processo de aquisição de novos conhecimentos, é imprescindível que a escola ofereça aos alunos possibilidades para que eles desenvolvam suas potencialidades. Todavia, para isso, é importante que sejam disponibilizados recursos que contribuam no processo de aquisição dos saberes.

Dentre as possibilidades que a escola pode disponibilizar, a biblioteca é um espaço que merece atenção especial, afinal, de acordo com Antunes (2006), a BE, quando bem conduzida e com propostas coerentes, torna-se um centro dinâmico de informação na escola, caracterizando-se como lugar vivo, atraente e instigante. Assim, inserir a B. E. no processo de ensino é ofertar para a comunidade a possibilidade real de adquirir e ampliar seus conhecimentos por meio de uma variedade de livros e atividades que desenvolvam o gosto pela leitura e informação. Esse cenário me remete a Furtado (2010), quando destaca a importância da BE dentro do processo educacional de um país, principalmente como elemento integrante no sistema de informação, contribuindo na constituição de um leitor crítico, reflexivo e com habilidades na apropriação dos mais variados discursos (BAKHTIN, 1999).

Nesse sentido, para que essa BE transformadora e impactante seja uma realidade na sociedade, em especial na cidade de Rio Verde, é importante que haja planejamento estratégico para inserção de atividades e políticas públicas coerentes desenvolvidas junto a esses espaços, o que contribuirá para um processo de transformação, fazendo com que a biblioteca, por meio de seus professores dinamizadores, atue de forma ativa no sistema educacional, cumprindo, dessa maneira, seu papel cultural na sociedade contemporânea.

Diante do exposto, este artigo objetiva contribuir com as bibliotecas em estudo, no intuito de apontar possibilidades reais de mudanças, tendo como alvo a formação de leitores e a promoção do espaço da biblioteca como ambiente de apropriação e cultura, o que vai ao encontro das proposituras de Andrade (2008, p. 13-14), quando afirma que:

Um bom programa de biblioteca, contando com profissional especializado, equipe de apoio treinada, acervo atualizado e constituído por diversos tipos de materiais informacionais [...] resulta no melhor aproveitamento escolar dos estudantes, independentemente das características sociais e econômicas da comunidade onde a escola estiver localizada.

Com base nessa afirmação, a sequência do presente trabalho abordará possibilidades de uma biblioteca escolar que transforme o leitor por meio das práticas de leitura e caminhos para uma BE estruturada fisicamente e com um acervo de qualidade.

2. A Biblioteca Escolar além dos modelos: em busca de projetos de transformação coletiva

A BE pode ser o ambiente potencialmente ideal para a realização do trabalho de repensar o mundo, visto que oferece material suficiente para unir o conteúdo dado em sala de aula e a realidade dos fatos científicos e do cotidiano sob variados pontos de vista. Mas, além disso, a biblioteca pode se tornar o lugar onde, por meio da discussão aprofundada, os alunos sintam-se estimulados a uma postura crítica, analítica e interativa diante daquilo que lhes é dado a conhecer.

Para que a BE seja de fato esse ambiente de estímulo e apropriação, é importante que ela seja constituída por meio de propostas que a transformem mediante a coletividade, ou seja, por meio da elaboração de um projeto político-pedagógico com vistas a um processo coletivo, envolvendo os diversos agentes que fazem parte da realidade escolar. Segundo Vasconcelos (2004, p. 169), um projeto político-pedagógico pode ser entendido como:

Um processo de planejamento participativo, que se aperfeiçoa e se concretiza na caminhada, que define claramente o tipo de ação educativa que se quer realizar. É um instrumento teórico-metodológico para a intervenção e mudança da realidade. É um elemento de organização e integração da atividade prática da instituição neste processo de transformação.

Assim, compreende-se que um projeto pode nortear os trabalhos nas BEs de Rio Verde, por encaminhar ações para o futuro com base na realidade atual e histórica, constituindo-se também um planejamento que prevê ações a curto, médio e longo prazo, intervindo diretamente nas atividades realizadas nas bibliotecas. Vale ressaltar que as ações destacadas no projeto político-pedagógico devem incluir todos os aspectos que a comunidade escolar compreende que necessita de melhorias e ajustes.

Portanto, essa busca por uma biblioteca dinâmica e atuante precisa partir do princípio de que os projetos não podem ser impostos; devem ser construídos coletivamente, com suporte técnico e teórico, pois as atividades desenvolvidas em cada biblioteca necessitam expressar a identidade de uma comunidade escolar, e não de um grupo ou equipe isoladamente, sendo uma necessidade de transformação e não uma obrigação.

Dessa maneira, uma nova biblioteca só será possível, por meio de discussões e reuniões que envolvam toda a comunidade escolar: professores, alunos, pais, direção e poder público. Todos focados na melhoria dos aspectos que constituem o espaço da BE, transformando ideias e concepções em movimentos de ações importantes e fundamentais para constituição de bibliotecas dinâmicas e atuantes na comunidade escolar de Rio Verde. Não se pode deixar de dizer que cada ator desse processo contribui até determinado ponto para que se construa o coletivo, por isso é preciso formação e conhecimento teórico.

É importante reafirmar que este artigo aponta para uma proposta coletiva e flexível, em que toda a comunidade escolar é ouvida e tem voz. Afinal, ninguém conhece mais as carências e a ausência de investimentos, tanto no material quanto no pedagógico, do que a própria comunidade que vivencia essa realidade diariamente. Daí a proposta de um projeto participativo que abarque aspectos pedagógicos e estruturais das BEs de Rio Verde e que se adéque à realidade de cada escola e de cada comunidade, no qual as propostas levantadas e executadas sejam definitivamente enraizadas nessas bibliotecas, uma vez que foram elaboradas e implantadas pela própria comunidade.

Diante disso, vale ressaltar que, quando o poder público estipula modelos engessados para todas as BEs, corre-se o risco desses projetos já nascerem fragilizados, pois, na maioria das vezes, quando mudam as gestões municipais, conseqüentemente, altera-se o que foi implantado pela gestão anterior. Por isso a importância de não se fazer modelos, mas sim projetos e propostas de transformação coletiva, com a participação de toda comunidade; já que a escola e seus departamentos não são de propriedade dos dirigentes políticos, nem dos gestores e professores, o que nos reporta a Hernández (2003, p. 25), quando afirma que: “A escola não pode ser propriedade dos professores, ela deve incluir toda comunidade no planejamento de suas metas e melhorias”.

Ainda alicerçado nas ideias de Hernández (2003), na elaboração de um projeto é importante conhecer a realidade dos alunos da escola, sua história de vida e suas metas para o futuro. Nesse sentido, as atividades voltadas para as BEs de Rio Verde precisam

incluir toda comunidade escolar, com vistas a: observar, dialogar e compreender a importância da BE para a vida dos alunos. Dessa forma, na elaboração de propostas que contemplem uma biblioteca atuante, é fundamental ouvir os estudantes, para que se compreenda a visão que eles têm desse espaço, uma vez que promover a participação dos alunos nesse processo de mudança é atestar para eles sua importância. Além disso, os alunos precisam sentir o pertencimento ao espaço, e isso só amadurece no cotidiano com uso pedagógico bem estruturado e com acesso livre à BE.

Assim, ao longo desse artigo, dentre as várias propostas que serão levantadas objetivando contribuir com as BEs de Rio Verde, o romper com o isolamento na execução de projetos é uma delas. É importante primar pela participação de todos os envolvidos no processo de consolidação do espaço das BEs, o primeiro passo é acabar com o isolamento nas decisões e, a partir disso, resgatar a BE como espaço democrático, comunitário e público, que procure aproximar a família junto à escola. Esse contexto nos remete às ideias de Rigoletto e Di Giorgi (2009, p. 235) quando afirmam: “A escola pode promover eventos que agreguem a família e os alunos na biblioteca [...] o bibliotecário configura-se como o elo entre a família e a escola”.

É válido destacar que a construção de uma BE participativa e democrática não é tarefa fácil. Afinal, ela implica diversos enfrentamentos pessoais e coletivos, sendo fundamental para o sucesso uma forte equipe articuladora e que não se considere detentora da situação. Assim, com o intuito de construir BEs cada vez mais atuantes em Rio Verde, é importante que os paradigmas do isolamento e da centralidade das ações sejam quebrados, e que se consolide uma construção possível, pautada em dois princípios: o da necessidade de se ter BEs que contribuam com a formação de leitores; e o segundo, o de se ter a consciência de que isso é possível por meio do envolvimento e de propostas que privilegiem a interação entre BE e comunidade. Esses aspectos são discutidos por Caldeira (2008, p. 48), “A biblioteca como espaço coletivo, onde os recursos serão compartilhados pela comunidade escolar, oferece excelentes oportunidades para o exercício da cidadania”. Isso reforça a importância de se ter projetos com vistas na promoção e consolidação das BEs de Rio Verde, favorecendo a inclusão dos alunos e fortalecendo a cultura local.

3. A estrutura física, acervo e mobiliário: possíveis melhorias

Sobre a presença dos estudantes nas unidades de ensino, é importante que a biblioteca esteja organizada, estruturada e tenha um acervo que desperte a atenção dos alunos, além de mobiliários que proporcionem conforto e plenas condições de uso aos frequentadores. Possuir essas características básicas é um grande passo para integrar a biblioteca como espaço que desperta o prazer pela leitura, servindo como suporte para os alunos em suas necessidades de informação e, acima de tudo, de apropriação de conhecimento e culturas variadas.

É válido destacar nesse subtítulo que, em Rio Verde, mesmo sendo pequenos os espaços que acomodam as bibliotecas, um passo já foi dado: em algumas unidades escolares há um ambiente reservado para as práticas de leitura. O mobiliário, a exemplo das mesas e cadeiras, mesmo fora dos padrões de altura ideal, vem atendendo aos pequenos leitores, e parte das estantes existentes nas bibliotecas já são adaptadas à altura das crianças. O acervo, em quantidade e variedade limitada, vem auxiliando nas atividades de leitura e sendo trabalhado dentro desses espaços. A partir do que já se tem, a proposta é apresentar o que se falta e apontar as possibilidades de melhoria.

Segundo Sobral (1982), a Pedagogia define BE como força propulsora do processo educacional, sendo um instrumento que colabora com as metas educativas, e responsável por diversas atividades empregadas no desenvolvimento do currículo. Para Castrillón (1985), as BEs são fatores preponderantes dentro de uma unidade de ensino, no sentido de desenvolver e auxiliar a capacidade de pesquisa, criatividade, leitura, comunicação, recreação e aproximação junto à comunidade escolar. Desta forma, para que as BEs se constituam como ambientes que exerçam as atribuições citadas pelos respectivos autores, é fundamental que esse espaço possua condições mínimas de funcionamento, como boa estrutura física, acervo que atenda com qualidade e quantidades suficientes os leitores, além de um mobiliário que se adéque à faixa etária dos alunos. A esse respeito, Lopes (1998, p. 37) apresenta algumas características para estrutura física de uma BE:

Uma sala com tamanho suficiente para acomodar o acervo e uma classe de alunos é o espaço mínimo recomendado. Se possível, num local silencioso, longe da quadra de esportes e pátio de recreio. Ventilação, iluminação adequada e ausência de umidade são cuidados a serem observados, para que se crie um ambiente agradável para os leitores e adequado à conservação dos livros.

Em Rio Verde, a maioria das BEs da rede municipal não se adéquam na íntegra com as características citadas acima, pois os espaços são pequenos e quentes e, em grande parte das unidades, sequer há o espaço da biblioteca. A existência de um bom acervo também é outro aspecto que merece atenção especial, afinal, é muito importante compreender que, no processo de formação de leitores, livros de qualidade são essenciais para despertar o interesse do leitor iniciante, promovendo seu desenvolvimento cultural, e auxiliando no domínio de diversos temas e necessidades pessoais, o que é muito discutido por Bamberger (1986, p. 11) quando afirma:

Os livros não têm importância menor hoje do que tiveram no passado, mas ao contrário. [...] Para os jovens leitores, os bons livros correspondem às suas necessidades internas de modelos ideais, de amor, segurança e convicção. Ajudam a dominar os problemas éticos, morais e sociopolíticos da vida.

Diante disso, é possível evidenciar a importância de se fazer investimentos que privilegiem a aquisição de livros e materiais que proporcionem aos alunos o acesso a um acervo que faça diferença na sua caminhada estudantil, por meio de obras que desenvolvam a intelectualidade e a capacidade crítica. “Todo ser humano pode ser ajudado pelos livros a se desenvolver à sua maneira, além de aumentar sua capacidade crítica e aprender a fazer escolha entre a massa da produção geral, dos meios de comunicação.” (BAMBERGER, 1986, p. 12). Assim, para que esses benefícios provenientes dos livros seja uma realidade na vida dos estudantes, é fundamental que as bibliotecas tenham um acervo suficiente para atender os alunos.

De acordo com a Lei 12.244/10, esse acervo ideal deve ter no mínimo um livro para cada aluno matriculado na escola. Quando há qualidade e variedade, há um despertar da curiosidade e interesse em se aproximar das obras presentes no espaço da biblioteca e, se for possível fazer com que as crianças tenham sistematicamente atividades marcantes com a leitura, estar-se-á promovendo o seu desenvolvimento como ser humano crítico, que evolui constantemente, dando significados e fazendo interpretações consistentes do mundo ao seu redor.

Outro ponto que merece destaque nesse processo de melhorias estruturais das BEs de Rio Verde são os mobiliários (mesas, cadeiras, estantes, armários) e demais móveis que também são elementos importantes, contribuindo para uma prática de leitura confortável. Quando bem planejada, a BE proporciona aos pequenos leitores livre acesso

aos livros e materiais presentes nas suas instalações. Esse assunto é debatido por Garcia (1998) que destaca as vantagens de se ter mobiliários adaptados para atender ao público infantil, dentre elas, a acessibilidade ao acervo e o conforto na prática das atividades de leitura.

Acreditamos que seja pertinente levantar possibilidades e apontamentos que resultem em melhorias nessa área, o que vai ao encontro das ideias de Fonte (2004) quando enfatiza que a pesquisa científica tem por objetivo contribuir com a evolução dos saberes e com todos os setores da sociedade, construindo reflexões e direcionando intervenções quando possível.

Em Rio Verde, em busca de melhorias relacionadas à estrutura física das bibliotecas, acreditamos que o primeiro passo seja a constituição de um conselho ou comissão, liderado pela coordenação de BE, com a participação de professores, gestores, pais, alunos e representantes do poder público municipal. Essa comissão trataria especificamente de questões relacionadas às BEs e às práticas de incentivo à leitura na rede municipal de ensino. Vale ressaltar que essa comissão deveria ser devidamente oficializada pelo Conselho Municipal de Educação de Rio Verde (COMERV)¹.

A criação de um conselho/comissão pode gerar um amplo debate com os diversos segmentos da sociedade e, principalmente, com o poder público, constituindo, assim, um esforço de participação democrática e de geração de ideias e planos. Dessa maneira, assegura-se a integração de diferentes segmentos da sociedade educacional, como mecanismo de gestão colegiada e democrática, que terá voz e força junto ao poder público. Tal situação nos remete a Cury (2000, p. 52-53) quando explicita: “No âmbito dos estados, os dispositivos constitucionais, em sua maior parte, tratam os conselhos como órgãos colegiados, aos quais compete estabelecer a relação entre a sociedade e o Estado”. É válido ressaltar que a constituição desse conselho deveria partir de uma ação de conscientização da importância da BE na vida das pessoas, o que fortaleceria esse conselho, e daria aos seus membros uma visão mais ampla do valor desses espaços de leitura.

Por meio da constituição de um conselho/comissão, juntamente com o departamento de arquitetura da prefeitura, propõe-se a elaboração de projetos que se adequem à realidade de cada escola da rede, sempre primando por espaços amplos,

¹ O Conselho Municipal de Educação de Rio Verde – COMERV é formado por representantes de escolas públicas e particulares, em que questões referentes a fiscalizações nas escolas, grêmios mirim e aspectos de ordem curricular são tratadas mensalmente nas reuniões.

arejados e que consigam atender com qualidade as atividades de leitura executadas nesses ambientes. É importante que esses projetos contemplem também os móveis para as BEs, com um mobiliário adequado ao tamanho das crianças e que favoreçam a disposição dos livros, para que seja fácil para os alunos visualizarem as obras que mais interessam. Esse cenário nos remete a Lopes (1998) quando destaca que o mobiliário para uma biblioteca precisa ser pensado levando em consideração os usuários que utilizarão o espaço, primando sempre por um ambiente de leitura confortável e dinâmico.

É válido destacar que algumas ações visando à melhoria do espaço interno das BEs em Rio Verde podem ser realizadas sem envolver recursos financeiros, como o exercício de diminuir algumas mesas, caixas pouco utilizadas, armários com materiais obsoletos, isso com o objetivo de arejar e melhorar o ambiente. Enquanto não há investimentos na compra de mobiliários, a ideia de colocar tapetes, ornamentar a biblioteca e reorganizar o espaço contribui para manter a BE apresentável e atraente para atender os alunos.

Após a elaboração de projetos que contemplem as escolas que receberão esses benefícios e um orçamento prévio dos investimentos, cabe a esse conselho se reunir com o poder público, propondo um cronograma de execução dessas obras, respeitando as possibilidades financeiras do município, mas com prazos estipulados anualmente com vistas ao cumprimento das metas de construção, aquisição de mobiliário e acervo para as BEs. Nesse caso, o conselho/comissão terá o papel de fiscalizar e cobrar o cumprimento das metas. A proposta de formação de um conselho/comissão e todos esses aspectos levantados remetem a Silva (1997, p. 99-100) ao relatar que:

Instalaremos o hábito da leitura em nossas crianças quando, nos diferentes espaços sociais, houver abundância de livros disponíveis. Assim, havemos de repensar o papel a ser cumprido pelas bibliotecas escolares na formação de leitores. Sugerimos que a reivindicação dos educadores por melhores condições de ensino inclua também a instalação de bibliotecas nas escolas, que atendam às necessidades dos alunos e professores. Nessa mesma linha, sugerimos que as escolas se transformem em centros de participação comunitária, permitindo que as famílias tomem consciência de sua responsabilidade quanto à orientação sadia dos alunos-leitores.

Mais uma vez, percebe-se o valor da participação da comunidade no sentido de fortalecer e buscar investimentos que privilegiem o espaço da BE, lembrando que a proposta de formação desse conselho/comissão não se restringe apenas a tratar das questões estruturais, mas sim, de todos os aspectos pertinentes ao desenvolvimento e

fortalecimento das BEs. Isso, conseqüentemente, inclui a figura do aluno, visto todo trabalho executado visar beneficiar a formação de um leitor atuante e crítico.

Quanto ao acervo existente nas bibliotecas pesquisadas, a maior parte necessita de renovação, assim, os entraves de ordem financeira e, às vezes, a falta de prioridade do poder público em adquirir novos livros faz com que o acervo fique desatualizado e comprometido, o que impede maior frequência dos alunos à biblioteca. Assim, o referido conselho/comissão também poderia atuar cobrando do poder público investimentos frequentes na compra de livros para as BEs. Por se tratar de valores mais acessíveis, alternativas podem ser utilizadas visando à renovação desse acervo, dentre elas, a utilização de parte dos recursos que as escolas recebem do município durante o ano para compra de livros. Vale ressaltar, que os valores arrecadados, provenientes de eventos realizados pelas escolas, tais como festa da primavera, festa junina, festa de carnaval, também podem ter parte da renda direcionada para este fim.

Outra maneira possível para a aquisição de livros é a parceria com grandes empresas. Em Rio Verde, por ter várias agroindústrias, é possível firmar convênios com essas companhias, onde elas se comprometem a doar recursos para compra de livros. A prova disso está no fato de que, no ano de 2011, a coordenação de biblioteca escolar da secretaria municipal de educação conseguiu, junto a uma grande cooperativa de produtores rurais da cidade, a doação de mais de 500 livros de literatura infantil para uma escola rural situada em um assentamento. Já no ano de 2012, uma associação de produtores de soja do município doou mais de 1000 livros para cinco escolas rurais de Rio Verde. Essas parcerias vão ao encontro das ideias postuladas por Lopes (1998 p. 38-39), segundo ele:

Nas escolas públicas, a aquisição do acervo cabe ao órgão mantenedor. Apesar do incentivo que o governo, em seus diferentes níveis, vem oferecendo às escolas, o acervo em geral deixa a desejar, obrigando a comunidade escolar a recorrer a alternativas de aquisição para complementar e ampliar as opções de leitura. Sugerimos aquilo que já vimos acontecer com sucesso em escolas estaduais e municipais [...];

- O aluno é convidado a doar um livro de uma lista de sugestões;
- Doações conseguidas junto a entidades sociais ou grandes firmas localizadas nas proximidades da escola;
- Festas (junina, da primavera, do folclore...) também constituem um recurso bastante utilizado pelas escolas para conseguirem fundos a empregar na aquisição de livros.

É fundamental que a comunidade escolar não espere recursos apenas do poder público, há diversas maneiras de se investir nas bibliotecas independentemente do auxílio dos órgãos mantenedores. É claro que há questões de ordem financeira que só podem ser realizadas pelo poder público, contudo, aspectos como aquisição de acervo são investimentos possíveis de serem feitos a partir da mobilização da sociedade, como apontado acima por Lopes (1998).

Visualizadas as possibilidades de recursos para compra do acervo, é importante que se tenham critérios para a aquisição e escolha desses livros, dessa maneira, a coordenação de biblioteca escolar poderia auxiliar na escolha das obras literárias, orientando as professoras dinamizadoras a consultarem bons catálogos, a visitarem *sites* de autores e da Fundação Nacional de Livros (FNLIJ), que divulga a lista dos melhores livros infantis brasileiros. Afinal, discutir e apresentar meios para a seleção e aquisição das obras literárias são fundamentais para a formação de um acervo de qualidade. É válido reforçar que não basta ter só os recursos financeiros para a aquisição das obras literárias, daí a importância da comissão/conselho, juntamente com a coordenação de biblioteca escolar, promover cursos e oficinas voltados para a maneira de olhar e avaliar os livros infantis, abordando a materialidade das obras, as ilustrações e os aspectos textuais.

É interessante afirmar que a BE é um ambiente propício para o desenvolvimento de atividades diversas, para tanto, precisam ser disponibilizadas aos alunos as possibilidades de ampliação do conhecimento por meio de um acervo variado e uma estrutura física que dê plenas condições para que esses espaços sejam dinâmicos e acolhedores. De acordo com as proposituras levantadas até aqui, para que as BEs alcancem êxito nos aspectos estruturais, seria relevante que a biblioteca fosse um local onde houvesse participação de todos os responsáveis pela educação, como afirma Aguiar e Zilberman (1986, p. 141) quando relatam:

A biblioteca é um espaço democrático, conquistado e construído através do fazer coletivo (alunos, professores e demais grupos sociais) e sua função básica é transmitir a herança cultural às novas gerações de modo que elas tenham condições de reapropriar-se do passado, enfrentar os desafios do presente e projetar-se no futuro.

Diante dessa premissa, nota-se que a partir do momento em que cada membro da comunidade escolar tiver a consciência do valor desse espaço coletivo e democrático na

construção do conhecimento, o processo de formação de leitores críticos e reflexivos terá resultados surpreendentes, contribuindo para a expansão cultural.

4. O professor dinamizador em Rio Verde e a importância de políticas específicas

Reflexões acerca de políticas voltadas para o professor que atua na BE são de suma importância no processo de promoção da biblioteca como espaço de difusão e fomento à leitura, uma vez que esse profissional, quando preparado e orientado, cumpre o papel de mediar, coordenar e organizar o processo de leitura para que, por meio dela, os alunos aumentem seus conhecimentos e capacidade crítica, e vejam a BE como um ambiente de oportunidade e crescimento.

Vale destacar que a BE é um espaço cultural, criado e mantido para os alunos e a comunidade escolar. Assim, um dos principais responsáveis em criar, recriar e manter esse espaço atuante é o professor dinamizador.

Diante da relevância de se ter um profissional dinâmico atuando no espaço da BE, penso que seja pertinente levantar alguns questionamentos que perpassam as políticas públicas que giram em torno das bibliotecas: será que as escolas têm um padrão para selecionar o professor que vai atuar na BE? Esse profissional tem conhecimento literário? Tem habilidades para exercer tal função? É um leitor? Gosta do espaço da BE e de trabalhar com livros e crianças? É aberto a mudanças e disposto a se qualificar? Diante dessa premissa, é importante que o poder público municipal em Rio Verde, por meio da Secretaria de Educação, promova políticas específicas junto às BEs, para que elas tenham condições de se aperfeiçoarem, de continuarem cumprindo seu papel no oferecimento de oportunidades de leitura e, assim, contribuir ainda mais para a formação de leitores nas escolas do município.

É interessante levantar esses questionamentos no sentido de compreender que de nada vale ter políticas que consolidem a BE sem que os profissionais se sintam parte integrante, valorizados pela escola e sujeitos fundamentais no processo de promoção das bibliotecas. Daí a necessidade de se ter, antes de qualquer ação, a certeza de que os professores que atuam nas BEs veem esse ambiente como espaço de apropriação e prazer, ou seja, é fundamental que o professor dinamizador tenha consciência que suas funções vão muito além do controle e distribuição de livros, e de atividades puramente administrativas. A esse respeito, Arena (2009, p. 175) alerta que muitas vezes as

atividades dos professores de biblioteca se restringem em: “Controle e distribuição de livros, quando há livros e espaços. [...] ou uma designação puramente administrativa, e não creio que seja adequada para os que estudam leitura”.

Ao se tratar especificamente das BE em Rio Verde, nota-se a importância de se ter propostas e apontamentos consistentes, que contemplem a figura das professoras dinamizadoras. Isso porque, atualmente, não há políticas específicas que deem suporte e amparo a essas profissionais.

Uma das maiores reclamações levantadas pelas professoras dinamizadoras em Rio Verde é a ausência de cursos de qualificação voltados especificamente para elas. Ou seja, a professora assume uma biblioteca, contudo, não existe programa ou atividade que conceda aperfeiçoamento ou qualificação a essas professoras, afinal, muitas delas não têm conhecimento específico em atividades relacionadas à leitura, o que me remete a Silva (1997, p. 42) quando afirma que: “Os cursos de licenciatura tocam por alto a pedagogia da leitura”, o que reforça ainda mais a necessidade de haver oficinas direcionadas especificamente às professoras dinamizadoras. Daí a importância de cursos de formação continuada e da formação em serviço, com o objetivo de oferecer a essas dinamizadoras qualificação frequente, atualizada e especificamente voltada para as atividades desenvolvidas por elas nas BEs. A esse respeito, caberia à coordenação de BE desenvolver, juntamente com a Secretaria de Educação, um projeto voltado para a qualificação e capacitação contínua dessas professoras em Rio Verde.

Outro ponto levantado pelas professoras foi a falta de regulamentação da função de professor dinamizador, pois não há critérios preestabelecidos para um professor trabalhar nas bibliotecas. Dessa forma, há profissionais de áreas diversas atuando nesses espaços, inclusive professoras da área de exatas, o que gera discussão e questionamentos entre as professoras dinamizadoras. É válido ressaltar que o fato de ter professoras de áreas diversas atuando na BE não é um problema, desde que essas professoras tenham afinidade com a leitura e domine as práticas de mediação, elas podem perfeitamente fazer valer a grande importância do livro e da BE.

Frente aos pontos elencados, vale ressaltar, que, muitas vezes, há ausência de políticas públicas de formação e incentivo destinados aos professores que atuam nas bibliotecas, pois existe certo “desconhecimento” e “invisibilidade” desses profissionais e de suas funções dentro da BE. Assim, professor e biblioteca ficam em segundo plano, quando se trata de investimentos e políticas educacionais. Esse cenário de invisibilidade remete à afirmação de Campello (2012, p. 67) quando ressalta que:

O desconhecimento do papel do bibliotecário tem também consequências nas políticas educacionais. A biblioteca está sempre ausente dos movimentos de reforma educacional. Isso pode ser percebido nas políticas públicas de educação, que quase sempre ignoram a biblioteca e o bibliotecário. A invisibilidade do bibliotecário e da biblioteca também pode ser notada em um nível mais popular. Na mídia, em reportagens sobre inovações na educação, por exemplo, a biblioteca raramente aparece – ou aparece timidamente – como algo importante para a aprendizagem.

Com base nas ideias de Campello (2012), é possível afirmar que parte dessa invisibilidade é resultado de certa zona de conforto que o professor da BE se encontram em alguns casos. Muitas vezes, professores que atuam nas bibliotecas se limitam a realizar apenas as atividades básicas e rotineiras da BE, prendendo-se muito a tarefas de cunho administrativo, e não se permitindo a realizar atividades que promovam ações educativas, culturais e de promoção da leitura:

Seria desejável que o bibliotecário e/ou responsável saísse da posição estática de mero espectador da ação educativa, para passar a ação propriamente dita, trabalhando ideias divulgadas, com todo o corpo docente e discente da escola, concretizando seus objetivos dentro do contexto escolar. (AMANTO; GARCIA, 1998, p. 14).

Nota-se que por meio da ação educativa, é possível sair da posição estática e promover a figura do professor dinamizador, o que vai consolidar a importância desse profissional nas atividades de promoção da leitura no espaço escolar. Assim, é válido reconhecer que, para que esse professor procure a cada dia participar mais da ação pedagógica no ambiente da BE, é interessante que seja oportunizado a ele meios para se alcançar uma biblioteca ativa. Desse modo, é fundamental oferecer cursos e oficinas, em que ele possa ter acesso a materiais e conteúdos que lhe deem condições de ser mais atuante e inovador nas tarefas exercidas na biblioteca.

Quando mencionamos a necessidade de formação de professores, não estamos referindo a um modelo de formação que considera o professor apenas como transmissor de conhecimento, preocupado somente com a formação de atitudes de obediência, ou que trate os alunos como simples assimiladores de leitura e informação, pois é preciso garantir aos professores dinamizadores de Rio Verde uma formação que contemple várias dimensões, tais como ética, moral, estratégias de leitura, letramento e muito mais. Essa

ampla formação vai ao encontro dos pensamentos de Ghedin, Almeida e Leite (2008, p. 31), para eles:

É preciso assegurar que a formação de professores possibilite ao profissional docente saber lidar com o processo formativo dos alunos em suas várias dimensões, além da cognitiva, englobando a dimensão afetiva, da educação dos sentidos, da estética, da ética e dos valores emocionais.

Diante dessa premissa, buscam-se políticas mais específicas para as professoras dinamizadoras de Rio Verde. Assim, o presente artigo aponta para a importância de se ter cursos e oficinas mensais voltados para a formação e qualificação dessas professoras, com o apoio da Coordenação de Biblioteca Escolar e Secretaria Municipal de Educação. Tal formação deveria ser estruturada buscando inserir essas professoras em atividades que trabalhem estratégias de leitura, produção de textos individuais e coletivos, temas para serem debatidos durante o mês, além de atividades que visem à integração das professoras dinamizadoras, para compartilharem ideias e experiências. A esse respeito, Silva, Ferreira e Scorsi (2009, p.52) afirmam:

Um dos desafios que vem sendo colocado nos cursos de formação continuada de professores, agentes de leitura etc.; caminha no sentido de buscar inseri-los em experiências de compartilhamento de leituras, de entusiasmo por esta atividade de produção de significados para os textos, de diálogos entre os textos, evidenciando, enfim, que, na prática de ler, há também um componente afetivo e coletivo que não deve ser ignorado.

Os cursos voltados especificamente às professoras que trabalham com leitura são fundamentais no processo de qualificação dessas agentes e fortalece a BE que, muitas vezes, tem sido rejeitada pelos alunos por falta de atividades e projetos interessantes; passando a ideia de que o livro é algo chato e que pouco acrescenta, o que é discutido por Silva (1997, p. 95):

[...] ainda enfrentamos problemas relacionados com o preparo profissional dos professores para o ensino e orientação da leitura. Nesses termos, o planejamento da leitura, quando é pensado pelos educadores, segue a linha do casuísmo, da não sequenciação, da não-integração – resulta que no ambiente da escola o valor do estímulo

sócio-cultural “livro” perde em qualidade, transformando-se em algo aversivo, “chato” ou “que não leva a nada”.

Corroborando as ideias de Silva (1997), Ferreira (2009, p. 71) salienta que um dos fatores que levam determinados alunos a terem rejeição pela leitura é o “desconhecimento por alguns professores da produção literária infanto-juvenil”. Isso reforça ainda mais a importância de se oferecer a essas professoras em Rio Verde, cursos de formação regulares, objetivando dinamizadoras motivadas e qualificadas. Assim, acreditamos que a Coordenação de Biblioteca Escolar em Rio Verde, juntamente com professores e gestores, poderia articular junto à Secretaria de Educação políticas mais específicas com o intuito de aperfeiçoar essas professoras e fortalecer o espaço da BE, beneficiando, dessa maneira, alunos e toda comunidade escolar.

Considerações finais

Por meio deste artigo, é possível afirmar que as BEs de Rio Verde, mesmo com algumas limitações, têm contribuído, dentro de suas possibilidades, com o processo de formação de leitores. Entretanto, é importante ressaltar que há carência de investimentos por parte do poder público junto às bibliotecas da rede, além da inexistência de políticas públicas específicas que contemplem com mais objetividade as professoras dinamizadoras e os projetos desenvolvidos nesses espaços.

São tímidas as iniciativas que visam à promoção e à consolidação das BEs, no sentido de fazer com que esses espaços tenham plenas condições de exercer com excelência seu papel de agente cultural para alunos e comunidade em geral, oferecendo possibilidades de discussão, encontro e favorecimento da leitura.

Essa ausência de investimentos nos remete a Abreu (2000, p. 156) que alerta que: “Se queremos uma sociedade democrática e justa, inclusive do ponto de vista cultural, é fundamental que se invista em escolas e bibliotecas de qualidade”. Dessa forma, se considerarmos a educação como base sólida para o desenvolvimento massificador, será possível compreender que as BEs podem oferecer o aprofundamento dos conhecimentos individuais, promovendo a capacidade e a criatividade dos alunos.

Assim, almejamos junto às bibliotecas de Rio Verde ações para que elas se consolidem também como ambiente de combate às desigualdades, oferecendo a todos os

alunos a possibilidade de acesso igualitário à informação, à educação e à cultura, contribuindo para incentivar a leitura e a apropriação dos mais variados discursos e ideias.

Espera-se que o presente artigo contribua com as BEs de Rio Verde, ampliando ações junto a esses espaços, fazendo valer as atribuições sociais e culturais, além de valorizar as professoras que atuam nessas bibliotecas.

Referências

- ABREU, Márcia. **Leitura, história e história da leitura**. Campinas – SP: Mercado das Letras, 2000.
- ANDRADE, Maria Eugênia Albino Andrade. A biblioteca faz a diferença. In: CAMPELLO, Bernadete Santos. Et al. **Biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 13- 16.
- ANTUNES, Walda de Andrade. **Lendo e formando leitores: orientações para o trabalho com a literatura infantil**. São Paulo: Global, 2006.
- ARENA, Dagoberto Buim. Leitura no espaço da biblioteca escolar. In: SOUZA, Renata Junqueira de. (Org.) **Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação**. São Paulo: Mercado de Letras, 2009. p. 157 – 185.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito da leitura**. São Paulo, Ática/Unesco, 1986.
- CALDEIRA, Paulo da Terra. O espaço físico da biblioteca. In: CAMPELLO, Bernadete Santos. Et al. **Biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. P. 47 – 50.
- CAMPELLO, Bernadete Santos. **Biblioteca escolar: conhecimentos que sustentam a prática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- CASTRILLON, Sílvia. **Modelo flexível para um sistema nacional de bibliotecas escolares**. Brasil: FEBAB, 1985.
- CURY, C. R. J. Educação e a gestão dos sistemas. In: FERREIRA, N. S. C; AGUIAR, M. A. S. (org.) **Gestão da educação**. São Paulo: Cortez, 2000. p. 43-60.
- FERREIRA, Eliane Aparecida Galvão Ribeiro. A leitura dialógica como elemento de articulação. In: SOUZA, R.J de (Org.) **Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação**. Campinas-SP. Mercado de Letras. 2009. 69-96.
- FONTE. N.N. da. **Pesquisa Científica: O que é e como se faz**. [S.L: s. Ed; s. d], 2004.
- FURTADO, Cássia Cordeiro; OLIVEIRA, Lídia. **A biblioteca escolar na formação de leitores – autores via web. Informação e Sociedade**. João Pessoa. V.20, n.20, n.1.p.13 – 23, jan./ abr. 2010. Disponível em: www.brapci.ufpr.br/download.php?dd0=11410. Acesso em: agosto de 2013.
- GARCIA, Neise Aparecida Rodrigues; AMANTO, Mirian. A biblioteca na escola. In: GARCIA Edson Gabriel (Org). **Biblioteca escolar: estrutura e funcionamento**. São Paulo: Edições Loyola, 1998. p. 9 – 24.
- GHEDIN, E; ALMEIDA, M.I. de; LEITE, Y. U. F. **Formação de professores: caminhos e descaminhos da prática**. Brasília – DF: Liber Livros, 2008.

- HERNÁNDEZ, Fernando. O projeto político pedagógico vinculado à melhoria das escolas. *Pátio*, Porto Alegre: Artmed, n.5, p. 08-11, fev.2003.
- LOPES, Yara Brandão Boesel. Organização e funcionamento de uma sala de leitura. In: GARCIA Edson Gabriel (Org). **Biblioteca escolar: estrutura e funcionamento**. São Paulo: Edições Loyola, 1998. p. 35 – 50.
- RIGOLETO, A. P. C; DI GIORGI, C. A. G. Outros parceiros da biblioteca escolar: democratização e incentivo à leitura. In: SOUZA, Renata Junqueira de. (Org.) **Biblioteca escolar e práticas educativas**. Campinas – SP. Mercado de Letras. 2009. p. 219-238.
- SILVA, Ezequiel da. **Leitura e realidade brasileira**. Porto Alegre: Mercado aberto, 5ª ed. 1997.
- SILVA, Lopes Martin da. FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. SCORSI, Rosália de Ângelo. Formar leitores: desafios da sala de aula e da biblioteca escolar. In: SOUZA, Renata Junqueira de. (ORG.). **Biblioteca Escolar e Práticas Educativas**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009.
- SOBRAL, Elvira Barcelos. Recursos humanos para biblioteca escolar. In: **Seminário Nacional sobre bibliotecas Escolares**, 1982, Brasília. Anais. Brasília: INL/UNB, 1982. p. 88-108.
- ZILBERMAN, Regina. **Fim dos livros, fim dos leitores?** São Paulo: editora SENAC. 2001.